

Relatos no tempo de um lugar esquecido: os Campos Neutrais do Rio Grande do Sul no registro de Saint-Hilaire

Rafael Klumb Arnoni¹

Resumo

Este estudo descreve e analisa a ocupação dos antigos Campos Neutrais, através da visão do naturalista francês Auguste Saint-Hilaire. A partir de sua narrativa é observada a constituição de um território marcado pelo isolamento e abandono, tanto pela negligência de autoridades, quanto pela configuração do próprio ambiente. Estas características que compunham o ambiente relatado durante a passagem do viajante, podem ser percebidas até hoje, como queremos demonstrar.

Palavras-chave: Campos Neutrais, paisagem, lugar, Saint-Hilaire, viajantes.

O estudo de um determinado lugar pressupõe o conhecimento, entre outros, de sua história e dos fatores que o caracterizam, de maneira que se criem impressões que sirvam para embasar e reconhecer suas singularidades. Desta maneira, no âmbito de nossa pesquisa sobre as marcas de gado em Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Rio Grande do Sul, surge a necessidade de conhecer a história da ocupação deste território. Interessa-nos especialmente o período de ocupação entre sua demarcação como Campos Neutrais, em 1777, e as primeiras décadas do século XVIII, quando retorna ao domínio português, onde se configuram sucessivas trocas de proprietários e de abandono da região.

Como fonte para a análise, foi escolhido o relato do naturalista francês Auguste Saint-Hilaire que por ali passou em 1820. A descrição do viajante torna-se interessante por trazer a perspectiva de um estrangeiro, alheio aquele meio, ao mesmo tempo que representa uma visão independente da versão oficial da história. Ficam registrados em sua narrativa os aspectos que impressionam o viajante e que podem ser descritos como uma marca da região. Marca esta que é característica ainda nos dias atuais.

A Ocupação dos Campos Neutrais

As primeiras descrições que se tem da região, segundo Anselmo Amaral [197-?], ocorrem por meio viajantes que transitavam entre a região central do Brasil e Colônia do Sacramento, no começo do século XVIII, descrevendo-a como uma “grande inverno com tapumes naturais” (*idem*, p. 41). Este território, que pelo Tratado de Tordesilhas pertencia à

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo, aluno do Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, professor da coordenação de Design do IFSul/Pelotas, rafael.arnoni@gmail.com

Espanha, era ocupado por portugueses, que chegaram até Colônia do Sacramento, que distribuíam terras ocupadas, como forma de garantir a posse da região.

Em 1763, D. Pedro Ceballos, saindo de Buenos Aires, invade o território português chegando ao Rio Grande, ocupando-o até 1776, quando o General João Henrique de Böhme reconquista a região para a Coroa Portuguesa. Neste momento são criadas na região do Taim duas guardas para servir como postos avançados. Em 1777, Portugal e Espanha firmam o Tratado de Santo Ildefonso transformando a região entre o Banhado do Taim e o Arroio Chuí em Campos Neutrais, território que não pertenceria a nenhum dos reinos (AMARAL, [197-?]).

Desta forma, os ocupantes portugueses perdem suas terras, tornando-se o território ocupado por posseiros. Os oficiais portugueses da região, sem a possibilidade de oferecer formalmente garantias a estes novos ocupantes, fazem vistas grossas, visando garantir, mesmo que informalmente este território (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 137).

Quando em 1816, os portugueses anexam a província Cisplatina ao Reino de Portugal, Brasil e Algarves, a região até então sem dono, passa a representar o limite meridional da Província de São Pedro do Rio Grande, fazendo fronteira com a nova possessão do reino. Nesta ocasião, os antigos proprietários desalojados inicialmente por Ceballos e posteriormente pelo Tratado de Santo Ildefonso, pleiteiam o retorno a suas antigas posses, agora tomada por invasores (*idem*, p. 1387).

Saint-Hilaire narra abaixo os Campos Neutrais e a reocupação após 1816:

A uma légua de Capilha, encontra-se o lugar chamado Taim, onde estão acampados alguns soldados. Outrora, Taim era o limite das divisões portuguesas. Do outro lado, os campos neutros (*campos neutrais*), que se estendiam numa extensão de trinta léguas, até a Estância do Xuí, onde começavam as possessões espanholas. Se é verdade o que me disseram, os campos neutrais foram, originariamente, povoados pelos portugueses, que, por força de um tratado, se viram obrigados a abandonar suas possessões. Homens pobres, vendo uma tão grande área de terras sem proprietário, sonharam aí se estabelecer, solicitando, para isso, a posse dela aos comandantes portugueses da fronteira. Esses, para não se comprometerem, recusaram-lhes autorização direta, mas se prontificaram a fechar os olhos a essa violação do tratado, e recomendaram aos agricultores procurarem entendimento com os comandantes espanhóis, que, por dinheiro, consentiam tudo. Assim foram os campos neutrais povoados pela segunda vez, pelos portugueses. Mas hoje, que essas terras são consideradas como parte do domínio português, os primeiros donos se apresentam com títulos legítimos, concedidos pelo rei, e pretendem reaver suas terras, pois os últimos ocupantes ali se estabeleceram fraudulentamente, burlando assim o tratado.

Parece que as autoridades estão dispostas a decidir em favor dos mais antigos donos (*idem*, p. 137).

Pode-se considerar que a sensação de insegurança, instabilidade política e econômica e o abandono era, neste caso, agravada pelo ambiente natural da região, sendo seus moradores confrontados frequentemente, conforme descreverá adiante Saint-Hilaire, com um lugar ermo e distante de tudo, de topografia plana e vegetação rarefeita.

A partir deste primeiro reconhecimento do território, é possível abordar os aspectos da paisagem descritos pelo viajante. Antes, porém, é necessário que se entenda a perspectiva com a qual o narrador abordará esta paisagem.

Lugar e Paisagem

Para que se possa avaliar a narrativa de Saint-Hilaire em relação ao ambiente e às pessoas que descreve é importante abordar os conceitos de paisagem e lugar, através da visão geografia humanista².

No artigo *Memórias de Viajantes: Paisagens e Lugares de um Novo Mundo*, Werther Holzer (2000) estabelece, de forma semelhante à descrição que se deseja realizar, uma relação

² Segundo Maria Geralda de Almeida (1993) “nesta nova abordagem os geógrafos se interrogam sobre o corpo do homem, seu espírito, sua percepção do Mundo e seu universo imaginário. Este homem é culturalmente definido pelo seu meio ecológico, sua educação, seu meio social, suas experiências, suas crenças dos modelos que ele aceitou ou escolheu”.

entre a narrativa de viajantes do século XVI e abordagem feita por sobre a paisagem encontrada. Faz, desta forma, uma comparação entre os conceitos de lugar e paisagem que consideramos pertinente a este trabalho. Inicialmente o autor descreve o conceito de lugar citando Yu-Fu Tuan e afirmando:

[...] Segundo ele, o lugar encarna as experiências e as aspirações pessoais, é uma realidade que deve ser compreendida da perspectiva dos que lhe dão significado. O lugar é definido como um conjunto complexo, enraizado no passado e incrementando-se com a passagem do tempo, com o acúmulo de experiências e de sentimentos. Seria a experiência primitiva do espaço experimentada a partir do corpo. Tempo e espaço relacionam-se com a distância: são estruturados e orientados pela intencionalidade humana. O tempo, inseparável da atividade locomotora, está implícito nos lugares, a partir das idéias de movimento, esforço, liberdade, objetivo e acessibilidade (HOLZER, 2000, p. 113).

Através de Holzer, pode-se concluir que ao lugar é imprescindível a passagem do tempo e a consciência do ser em relação ao espaço e tempo que ocupa, para que ali se constituam suas memórias, possibilitando a este indivíduo o reconhecimento e o sentimento de pertencimento a partir do passado experimentado.

Esta não seria certamente a forma mais adequada de enquadrar Saint-Hilaire e sua narrativa, por não possuir o fator da permanência no local, fundamental para a descrição de um lugar. Sua perspectiva será melhor enquadrada no conceito de paisagem, descrita novamente por Holzer, neste momento citando Carl Sauer:

[...] O autor compreendia a paisagem como o processo físico e cultural de formatação da Terra. Formatação gerada pelo “fatos do lugar”, e pela análise da constituição, limites e relações genéricas entre paisagens. Sauer (1983) define a paisagem como um conceito maior que o todo visível de seus constituintes. Suas qualidades físicas seriam determinadas a partir de suas características de habitat presente ou potencial. Deste modo, a cultura seria o agente, a área natural o meio, a paisagem o resultado.

A definição de paisagem que considero apropriada é a seguinte: **A paisagem é uma marca**, porque ela exprime uma civilização; mas também é uma matriz, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação, isso é, da cultura, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (HOLZER, 2000, p. 114, grifo nosso).

Completando a descrição e reforçando o que foi descrito em relação ao posicionamento dos viajantes, frente a seu objeto de descrição e análise, Holzer afirma:

O lugar, portanto, implica em uma pausa no deslocamento, em um acúmulo de experiências e no aparecimento de expectativas e de aspirações em relação ao sítio, dando-lhe o significado especial de “lugar”.

Segundo esta definição, a relação do viajante com o sítio é intermitente. O acúmulo de experiências ao longo do tempo é pequeno. Os viajantes que estudo aqui podem ser relacionados com os turistas do século XX: sua relação com o sítio é superficial, seus contatos com as pessoas são rápidos e descontínuos (*idem*, p. 118).

Neste sentido, para os viajantes não existem lugares, não existe a segurança do conhecimento nem a certeza do tipo de decisão a ser tomada. Pode-se dizer que para os primeiros viajantes europeus não existe a memória dos lugares, a não ser a dos lugares dos outros. Assim, como veremos, eles só transmitiam a memória das paisagens (*idem*, p. 119).

Temos dessa forma, o posicionamento de Saint-Hilaire frente a seu objeto, na condição de um viajante que irá observar o local em que transita como uma paisagem, muitas vezes associando esta a suas referências habituais da França. Através deste filtro, serão abordados o ambiente e a vida dos moradores da região.

A Descrição do Ambiente

Uma das características mais recorrentes na narrativa do viajante é a descrição do ambiente. Mesmo considerando o fato de ser um naturalista e suas viagens destinadas ao estudo da flora dos locais por onde passava, é perceptível a recorrência no relato da planície, apontando a topografia plana, a ausência de vegetação de grande porte e a vastidão do espaço por onde passava. Considera-se que a repetição em seu relato acaba tornando-se, mesmo que sem intenção, uma forma de transmitir ao leitor o mesmo sentimento de monotonia e isolamento que sensibilizou Saint-Hilaire.

No início da viagem, ao sair do Rio Grande com destino ao sul, o autor ainda descreve um local plenamente ocupado pela produção agrícola e pecuária.

O terreno que hoje percorri, mais chato que nossas planícies de Beauce, não oferece a mínima ondulação; durante alguns instantes, atravessamos areais, mas, em seguida, caminhamos, sempre sobre um relvado muito raso; contudo, principalmente à direita, percebíamos ao longe extensos areais. Apesar da igualdade do terreno, o aspecto do campo, onde pastam grande número de cavalos e bois, nada tem de monótono. (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 132).

Entretanto, à medida que adentra a península entre a Lagoa Mirim e o oceano, sua descrição passa, além de reforçar o terreno plano, a descrever paisagens cada vez menos ocupadas.

Num espaço de cerca de duas léguas após a Estância do Velho Terras até Capilha, o terreno é absolutamente semelhante ao que atravessei nos dias precedentes; é, também, plano e coberto de um relvado muito raso, onde florescem, ainda, as mesmas plantas que indiquei no diário de 20 (*idem*, p. 136).

As pastagens que atravessei hoje são mais crescidas que as dos dias precedentes, por que o gado não é aqui tão numeroso. A erva nova só começa a despontar no meio dos tufos dessecados. O terreno sempre plano. Da casa em que pernoitei até aqui não vi nenhuma estância, além do Curral Alto (*idem*, p. 141).

Em determinado momento Saint-Hilaire completa sua descrição do ambiente, agregando suas impressões e sensações pessoais em relação às condições da viagem. Neste momento permite-se realizar comparações com paisagens familiares, refletir sobre suas semelhanças, sendo possível perceber a ótica com que observa e narra a viagem.

Depois que deixei o Rio Grande, não cessou de soprar um vento cortante e muito forte; hoje, sobretudo, o tempo está desagradável, e o panorama dos campos mostra-se em harmonia com a tristeza do tempo.

Um verdadeiro dia de inverno. Nos campos, sempre planos, a erva, de coloração parda, ainda está inteiramente seca; os próprios gramados ainda estão amarelados; as árvores, sem folhas, nem ao menos começaram a brotar, e quase nenhuma flor eu vi (*idem*, p. 141).

É de notar que, atualmente, os campos estão secos, como em França daqui a um mês, aproximadamente. Mas aqui veremos, dentro de algumas semanas, os campos se cobrirem de nova verdura, ao passo que em França isso só acontecerá com a chegada do inverno. Assim o outono e a primavera da vida se parecem: ambos oferecem os mesmos sinais de fraqueza; esta é embelezada pela esperança, e o outro não inspira se não temores (*idem*, p. 141).

Até sua chegada ao Forte de São Miguel, junto ao Arroio Chuí, sua narrativa seguirá reforçando as características recorrentes da região por onde passa. Sua descrição somente se modificará ao chegar ao Cerro onde está situado o forte.

Este lugar oferece a mais linda paisagem que tenho visto desde o Rio Grande. Até agora atravessamos planícies sempre uniformes, sem a mais leve ondulação do terreno, e unicamente animadas pela presença do gado que nela pasta. Aqui um rio serpenteia por entre verdejantes pastagens. À margem direita, encontram-se algumas choupanas. À esquerda, um vasto gramado; além se vê a serra, que não é mais elevada que uma colina comum (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 149).

O ambiente torna-se, como se percebe pela narrativa, um elemento a reforçar a sensação de isolamento e abandono, agregando a estes um horizonte aberto em que se tem a

sensação de estar distante de tudo.

Vivência, Costumes e Carências

Bastante descritivo em relação ao ambiente, Saint-Hilaire será mais analítico em relação às suas observações sobre os habitantes e costumes locais. Será possível novamente perceber a comparação que o autor faz dos habitantes com suas referências pessoais.

Dentre os aspectos apontados na narrativa, um dos que mais impressiona, novamente pela recorrência, é a descrição da receptividade destinada a ele pelos moradores. Esta receptividade parece estar diretamente vinculada ao isolamento em que vivem essas pessoas, associado à vontade de agradar um estrangeiro referendado pelo governo³ imperial em busca de possíveis favores.

Assim, pode-se afirmar que o ambiente e situação política da época acabam por formar ou forçar a criação de uma identidade aos habitantes da região, provavelmente não explícita a estes, mas perfeitamente detectável para quem observa de fora. Sigamos a narrativa de Saint-Hilaire, retomando sua partida do Rio Grande até a chegada à São Miguel, destacando trechos que abordam essa hospitalidade.

Meu hospedeiro é um bom velho, cuja hospitalidade é notória na região. Ofereceu-me uma excelente ceia, serviu-me pão e vinho, e mandou preparar-me um bom leito (*idem*, p. 134).

Logo que saí da Estância de Caioá, um dos negros da carroça me informou que estavam carneando uma vaca, e ofereceu-me um pedaço dela; deu-me, muito gentilmente, uma enorme porção, sem aceitar recompensa em dinheiro; mas devo este favor, creio, ao fato de saber que mantenho estreitas relações com o conde, de quem espera receber algum obséquo (*idem*, p. 135).

É impossível ser melhor que José Bernardes; teve para comigo pequenos cuidados, sem que se tornasse importuno; deu-me duas galinhas, pão e farelo para meus cavalos, sem aceitar qual quer retribuição. Comprei, em Rio Grande, algumas quinquilharias para fazer presentes; mas, se continuo a receber tanta hospitalidade, em breve nada mais me restará (*idem*, p. 141).

Saint-Hilaire narra no trecho a seguir a receptividade já descrita, a relação entre o governo oficial e os habitantes da região, além de um admirado elogio à beleza das mulheres do local.

³ Saint-Hilaire relata em muitos momentos ter recebido o posto de coronel. Durante toda a sua viagem pela região é acompanhado por soldados que fazem sua escolta e atendem às suas necessidades.

Quando cheguei, só me arranjaram duas juntas, e o proprietário se escusou por não ser possível me atender melhor, por que as tropas que acabavam de deixar Santa Teresa levaram-lhes as demais. Prontifiquei-me a pagar-lhe o que pedisse pelas duas juntas, mas nada aceitou, obrigando-me, até, a tomar duas xícaras de café. Esse homem, como muitos outros, aliás, lamenta-se muito dos vexames que lhes causam os militares, os quais, usando de violência, se apoderam dos cavalos dos estancieiros, para, em seguida, vendê-los; outras vezes, também, apropriam-se de vacas, nos campos, matam-nas, para comerem um par de libra de carne, abandonando o resto.

A estância em que fiquei não passa de uma desprezível choupana, sem mobiliário, cercada de algumas senzalas. Logo que entrei, a dona da casa se ocupava em coser, acocorada sobre tábuas, colocadas em cima de pedras e cobertas por uma pele de carneiro. Estava bem apresentável e, ainda que tímida, respondeu às perguntas que lhe formulei.

Todas as mulheres que tenho visto do Rio Grande a esta parte são bonitas. De olhos e cabelos negros e, ao mesmo tempo, muito brancas. Superam, certamente, as francesas pela beleza da tez corada. Manifestei ao meu hospedeiro o desejo de adquirir carne. Imediatamente, saiu à procura de uma vaca nos campos e abateu-a; deixou meu soldado escolher os pedaços melhores, sem olhar quais eram, recusando-se a falar em pagamento; contudo asseguraram-me que esse homem não é rico, o que, aliás, se comprova pela sua moradia e seu traje (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 139).

Percebe-se por este trecho a condição de submissão e insegurança que reinava na região. A presença de militares é geralmente associada a abusos de poder, seja por parte dos soldados que passam por ali, seja por parte dos comandantes. A presença de Saint-Hilaire, com um posto de coronel, cria de certa forma receio aos habitantes, da mesma forma que nutre a esperança de que, agradando ao viajante, sejam obtidos favores junto aos comandantes da região. A relação com o governo e os militares é descrita a seguir:

José Bernardes é filho de um velho contrabandista, que serviu de guia ao General Lecor, do Rio Grande a Montevideu, e que traçou o itinerário para minha viagem. Esse homem foi um dos primeiros a se estabelecer nesses campos, após o tratado que os declarava neutros.

Logo que os portugueses se tornaram senhores absolutos da região, seu filho, José Bernardes, reclamou do Marquês de Alegrete a terra que este ocupava e que nunca tinha sido doada a ninguém: seu protesto despertou no secretário particular do marquês a idéia de apossar-se desse terreno, e o pobre José Bernardes viu-se, em breve, obrigado a abandonar sua casa.

“Após o dia em que perdi minha mãe”, dizia-me ele, “não houve para mim outro mais triste que aquele em que deixei a choupana em que nasci” (*idem*, p. 141).

Como não havia bois na estância do Curral Grande, mandei um de meus soldados procurá-los a uma estância vizinha. Pouco depois voltou, dizendo-me que o proprietário da estância estava pronto a me emprestar algumas juntas até o Xuí, mas sob a condição de lhe dar um atestado, declarando tê-lo requisitado. Aceitei a proposta; o homem trouxe-me os bois e, inutilmente, ofereci-lhe uma recompensa. Tal generosidade não é, contudo, muito meritória, porque, no momento, os bois e carroças da região são constantemente requisitados para conduzir ao Rio Grande a bagagem das tropas que estão em Santa Teresa, e o estancieiro com quem acabava de falar, emprestando-me os bois, livra-se de um prejuízo maior (*idem*, p. 145). Ângelo Núñez era, antes da guerra, o proprietário mais rico da região, mas tendo sido igualmente maltratado por espanhóis e portugueses, está atualmente quase arruinado. [...]

Uma das maiores injustiças que cometeram os portugueses, nessa guerra, foi a de terem considerado como crime de rebelião a resistência dos espanhóis. Os portugueses não agiam como aliados do rei de Espanha; apossavam-se por conta própria do território de seus vizinhos e, conseqüentemente, era muito natural que estes se defendessem. Podiam ser tratados como inimigos, mas como rebeldes nunca. De qualquer sorte, o Conde de Figueira veio ainda agravar a situação do infeliz Ângelo Núñez apoderando-se, em nome do rei, do terreno onde estava situada a estância do espanhol (*idem*, pg. 151).

Em Xuí havia eu mandado carnear uma vaca para meus criados, porém minha hospedeira não me deixou pagá-la, e ainda me obrigou a aceitar o cavalo que me havia emprestado para ir a São Miguel. Atribuo tal excesso de cortesia aos pequenos serviços que prestei ao Sr. Delmont, à idéia que fazem de minha importância e ao desejo de pedirem que me empenhe com o General Lecor para conseguir a baixa de um irmão que está na fronteira. Apesar da opinião geral ser esta, não creio que devo unicamente atribuir à presença de meus soldados e ao posto de coronel tantas facilidades a mim prestadas desde o Rio Grande e a hospitalidade de que tenho sido objeto. Em toda a parte é costume dar alimento e emprestar cavalos aos viajantes (*idem*, p. 155).

Da mesma forma que descreve a receptividade, o autor relata características e fatos da região associadas, na maioria das vezes, às carências enfrentadas em virtude da distância à locais com maior disponibilidade de bens e serviços. Por força de suas observações, julga ser necessária a criação de um povoado que proporcione melhores condições de vida a seus habitantes.

O bom Silvério quis fazer-me almoçar esta manhã, e esta refeição, como a de ontem à tarde, era só composta de carnes. Nesta região ninguém come outra coisa. Carne assada, carne cozida, carne em guisado ou cortada em pequenos pedaços; sempre carne e, quase sempre, de vaca ou de boi (*idem*, p. 134).

Conversando com o homem de que acabo de falar, soube que em São Miguel, em Santa Teresa e seus arredores havia um grande número de estancieiros completamente jejunos em religião; que muita gente jamais se confessou, e até se encontra mesmo quem, na idade de quinze ou dezesseis anos, jamais assistiu missa; o que não é muito de admirar, pois que, entre a fronteira e Rio Grande, somente se reza missa em Capilha, onde passei hoje (*idem*, p. 136).

A estância de José Bernardes compõe-se, como todas as outras, da casa do dono e algumas casas de negros e de uma cozinha que forma uma choupana à parte, segundo o costume de quase todo o Brasil. A casa do estancieiro é coberta de palhas como as que vi depois da estância do Silvério: baixa como todas as outras, e construída também de pau-a-pique, construção esta usada em toda a região. Constituem o interior da casa duas peças: a sala e o quarto do proprietário, sendo este separado daquela apenas por uma cortina. [...] Perguntei a José Bernardes onde ele se abastecia de lenha e madeira, tendo respondido que acabara de comprar os destroços de um iate, há pouco tempo, naufragado em Capilha, mas que, ordinariamente, ele e seus vizinhos iam procurar lenha à margem do arroio d'El-Rei, a dois dias daqui, por viagem de carroça (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 140).

Os agricultores dos arredores daqui estão muito distantes de Capilha, para recorrerem ao capelão que aí reside e, por conseguinte, se torna necessário construir outra igreja na península, se não se quiser ver grande parte da população perder toda a noção de religião e moral. É igualmente bom por que, sem precisar do Rio Grande, podem sortir-se de mercadorias que lhe são necessárias, e encontrar alguns trabalhadores na vizinhança. Numa região onde há bastante dinheiro, é preciso, a bem do comércio, proporcionar aos habitantes o meio de gastá-lo (*idem*, p. 152).

Os moradores da vizinhança dizem que esta região não é bastante povoada para que a aldeia possa constituir-se dentro de poucos anos, e acrescentam que as pessoas que já procuraram terras para aí construir suas casas, sendo extremamente pobres, só podem, realmente, ter intenção de revendê-las. Entretanto, estou convencido de que, se for construída uma igreja nesse lugar e se trouxerem um padre, os estancieiros dos arredores aí construirão, em breve, habitações, para poderem passar os domingos e os dias de festa e, por tanto, aí, se estabelecerão, dentro de pouco tempo, tavernas e, em seguida, operários e mercadores (*idem*, p. 152).

A descrição dos trechos selecionados evidencia as dificuldades enfrentadas, tanto para obtenção de produtos para subsistência, quanto de oportunidades de acesso a cultura e lazer, demonstradas pela ausência de comércio, festas ou cerimoniais religiosos, somando-se à já descrita negligência do governo e ao ambiente árido.

A Paisagem de Saint-Hilaire e a Paisagem Atual

A partir das impressões registradas por Saint-Hilaire é possível formar uma visão da paisagem da região à época de sua passagem, que pode ser expressa como marca, segundo o entendimento de Holzer, por expressar ou exprimir um lugar. Esta marca pode ser percebida ainda nos dias de hoje pelos viajantes que cruzam a região, e é interessante observar a atualidades das impressões descritas por Saint-Hilaire há quase duzentos anos.

Desta forma, as sensações mais marcantes desta paisagem referem-se ainda à amplidão, isolamento ou monotonia, em uma região ausente de marcos referenciais significativos, com um trajeto de longa duração e uma estrada retilínea, associada à topografia plana. Estrada esta ladeada por campos de criação de gado ou pela monocultura da plantação de arroz, entrecortados por matos de eucalipto que agora abundam na região. De toda forma, é importante observar que ao mesmo tempo em que se apresenta melancólica, solitária e monótona, esta paisagem é um convite à contemplação, à meditação e à liberdade espiritual, a medida em que oferece um horizonte de longo alcance visual, sem barreiras e de uma experiência intensa com o ambiente do campo.

Conclusão

Procurou-se demonstrar através destas reflexões, a forma como a sensação de abandono e isolamento de uma região, expressos tanto nas relações com o poder oficial quanto em seus aspectos ambientais, pode influenciar na formação das características ou marcas desse local. Através da narração e impressões de Saint-Hilaire, em uma posição de observador alheio àquele meio, acredita-se ter sido possível apresentar este ponto de vista, demonstrando que as marcas que compõe a região, estariam presentes até hoje, especialmente através de seu ambiente natural, elemento estrutural para caracterização de sua paisagem.

Referências

- ALMEIDA, Maria G.. Geografia Cultural e os geógrafos culturalistas: uma leitura francesa. **Revista GEOSUL**. Florianópolis: Departamento de Geociências da UFSC, ano VIII, n. 15. 1993.
- AMARAL, Anselmo F.. **Os Campos Neutrais**. Porto Alegre: Planus, [197-?].
- HOLZER, Werther. Memória de Viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia da UFF, ano II, n. 3. 2000.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2002.